

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE COMPUTAÇÃO



CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

NAILA DE OLIVEIRA FERREIRA

IT - A COISA: a representação social do medo na obra de Stephen King

RIO DE JANEIRO

2023

NAILA DE OLIVEIRA FERREIRA

IT A COISA: a representação social do medo na obra de Stephen King

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras Português e Inglês, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Orientador: Professora Danielle Corpas

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

F383i Ferreira, Naila
 IT - A COISA: a representação social do medo na obra de Stephen King / Naila Ferreira. -- Rio de Janeiro, 2023.
 40 f.

 Orientadora: Danielle Corpas.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês, 2023.

 1. medo. 2. representação do medo na sociedade. 3. medo em IT: A Coisa. 4. terror. 5. horror. I. Corpas, Danielle, orient. II. Título.

NAILA DE OLIVEIRA FERREIRA

IT A COISA: a representação social do medo na obra de Stephen King

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras Português e Inglês, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Letras.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Nome do Professor, Titulação (Instituição)

Nome do Professor, Titulação (Instituição)

Nome do Professor, Titulação (Instituição)

Aos meus pais que ofereceram tudo que podiam para me ver chegar até aqui e além.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Danielle Corpas não só pela contribuição com este trabalho e por estar sempre à disposição, mas também por toda a compreensão e carinho demonstrados nesse momento tão delicado que é a finalização de um trabalho que vem sendo construído ao longo de vários anos e culmina na conclusão deste texto. Não posso deixar também de citar pessoas que foram de extrema importância para que eu pudesse chegar até esse ponto: meus pais, Sandra de Oliveira Ferreira e Francisco Pereira Ferreira, meu avô, Anselmo Pereira Ferreira e minha bisavó Marina Silva (que não estão mais presentes fisicamente) e minha avó Lany Pereira que me ajudou e me conduziu do mundo espiritual. Por fim, gostaria de agradecer a mim mesma por não ter desistido, apesar de todas as dificuldades.

Mas contra o que ia atirar? Pelo que entendia, o fantasma existia, antes de mais nada, dentro de sua cabeça. Talvez fantasmas sempre assombrassem mentes, não lugares. Se quisesse dar um tiro nele, teria de virar o cano contra sua própria testa.

Joe Hill, *A estrada da noite*

E todavia, assim como tenho certeza de possuir uma alma vivente, é minha convicção que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração humano – uma das faculdades primárias e indivisíveis, um dos sentimentos que dão origem e orientam o caráter do Homem.

Edgar Allan Poe, *O gato preto*

RESUMO

O medo tem sido um sentimento que permeia a sociedade, influenciando diversos aspectos do comportamento humano. Neste trabalho discorreremos sobre o medo, sua construção na história e na literatura de terror e horror no decorrer do tempo e sua presença na obra de Stephen King *IT: A coisa*, com o objetivo de entender como o sentimento é construído na sociedade e como está representado pelo autor em seus personagens. Além disso, nos debruçamos sobre o contexto do medo na sociedade atual e em como ele é usado pelas várias esferas sociais como forma de controle. Para atingir o objetivo foram analisadas as várias nuances desse sentimento, suas consequências, os meios que o utilizam e como é apresentado por King não só na construção de sua narrativa, mas também na jornada de seus personagens principais. Por último, se fez necessário uma reflexão sobre o medo como forma de controle na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: terror; horror; medo; representação do medo; stephen king; *IT: A Coisa*.

***IT*: THE SOCIAL REPRESENTATION OF FEAR IN STEPHEN KING'S FICTION**

ABSTRACT

Fear has been a feeling that permeates society, influencing various aspects of human behavior. In this paper we discuss fear, its construction in history and in horror literature over time and its presence in Stephen King's work, *IT*, with the aim of understanding how the feeling is constructed in society and how it is represented by the author in his characters. We also looked at the context of fear in today's society and how it is used by various social spheres as a form of control. To achieve this goal, we analyzed the various nuances of this feeling, its consequences, the means by which it is used and how it is presented by King not only in the construction of his narrative, but also in the journey of his main characters. Finally, it was necessary to reflect on fear as a form of control in contemporary society.

Keywords: terror; horror; fear; representation of fear; stephen king; *IT*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O TERROR E O HORROR.....	12
2.1 Breve história do terror e do horror.....	12
2.2 O terror e o horror na literatura.....	14
3. O MEDO.....	16
3.1 O medo na literatura de terror e horror.....	16
3.2 A construção do medo na sociedade.....	18
3.3 Os tipos de medo.....	21
3.4 O medo da violência.....	22
4. O MEDO EM IT - A COISA.....	23
4.1 A escrita de Stephen King.....	23
4.2 O desenvolvimento do medo em It - A Coisa.....	24
4.3 Representações sociais do medo na obra.....	27
4.4 O medo como forma de controle.....	34
5. CONCLUSÃO.....	39
6. REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

A emoção do medo é uma parte intrínseca da experiência humana, uma reação primordial que desempenha um papel vital na sobrevivência e na adaptação. No entanto, a forma como o medo é construído, percebido e utilizado na sociedade é um fenômeno complexo e multifacetado que merece uma análise aprofundada. A construção do medo na sociedade é um tema de grande relevância, uma vez que essa emoção desempenha um papel fundamental na forma como indivíduos e grupos interagem, nas decisões políticas, na mídia, na cultura popular e em muitos outros aspectos da vida contemporânea. Esta dissertação irá explorar a construção do medo na sociedade através da narrativa de Stephen King em sua obra *IT: A Coisa*, investigando como o medo é moldado, disseminado e utilizado como uma ferramenta de controle, persuasão e manipulação. Analisaremos as origens do medo, os mecanismos que o perpetuam e as consequências de uma sociedade que muitas vezes parece imersa em uma cultura do medo. À medida que a sociedade se transforma e se adapta a desafios e mudanças constantes, a compreensão do medo se torna essencial para a nossa capacidade de navegar em um mundo em constante transformação.

2. O TERROR E O HORROR

2.1 Breve história do terror e do horror

O gênero do terror e do horror possui uma longa história, que remonta a séculos, explorando os medos mais profundos e desconhecidos da humanidade. Porém, embora os termos "terror" e "horror" sejam frequentemente usados como sinônimos, eles representam nuances distintas na literatura, cinema e outras formas de arte.

O terror geralmente se concentra na criação de uma atmosfera de medo, ansiedade e tensão psicológica, ele costuma ser mais sutil e sugestivo, deixando espaço para que o público preencha as lacunas com a sua imaginação. As narrativas de terror tendem a envolver elementos sobrenaturais, como fantasmas, criaturas monstruosas ou eventos inexplicáveis, visando a perturbar emocionalmente o leitor ou espectador, evocando medo e desconforto através de uma abordagem mais subjetiva.

O horror, por outro lado, é mais explícito e concreto, se concentrando em causar repulsa e choque, muitas vezes com cenas violentas, sangrentas ou perturbadoras. Frequentemente aborda temas como assassinato, tortura, canibalismo e outras atrocidades. Enquanto o terror busca trabalhar com a imaginação do público, o horror confronta diretamente o espectador com o grotesco e o macabro.

A origem do gênero do terror remonta a antigas narrativas folclóricas e mitológicas, nas quais histórias de monstros, espíritos e criaturas sobrenaturais eram contadas para explicar fenômenos inexplicáveis e incutir certo senso de temor em relação a situações perigosas. No contexto da história da literatura, o gênero de terror começou a ganhar destaque durante o movimento gótico do século XVIII. Horace Walpole é considerado o pioneiro do romance gótico com *O Castelo de Otranto* (1764). No século XIX, com o advento da literatura gótica, autores como Edgar Allan Poe, Mary Shelley e Bram Stoker contribuíram para a popularização do gênero.

Durante o período vitoriano ocorreu um interesse crescente pelo ocultismo, espiritualismo e mistérios do além, influenciando a ficção da época. Esse interesse se deu devido a uma série de transformações históricas, sociais, religiosas e tecnológicas da época,

que impulsionaram a busca por significado de experiências espirituais em um período de rápida mudança. Segundo Christopher M. Moreman relatou em sua obra *The Spiritualist Movement: Speaking with the Dead in America and around the World*, a época vitoriana viu uma crise na religião institucionalizada, com crescente ceticismo em relação às doutrinas religiosas tradicionais. Isso abriu espaço para uma busca por experiências espirituais alternativas, levando muitos a explorar o espiritualismo e o ocultismo como alternativas à religião convencional.

O interesse pelo sobrenatural refletiu na literatura da época que frequentemente explorava temas sobrenaturais e góticos, como os contos de fantasmas de autores como M.R. James e a influência de escritores anteriores, como Edgar Allan Poe. Essas obras estimularam o interesse do público por fenômenos paranormais e o mundo além da compreensão humana (Andrew Smith, 2012).

Segundo Santana (2016), a literatura espelhava a sociedade, denunciando os diversos “limites impostos por uma sociedade extremamente fiscalizadora da moral e dos bons costumes”.

Também na literatura, muito pródiga em obras hoje consideradas clássicas, reflete-se esse paradoxo entre luz e sombra. Surgem romances e contos que celebram esse lado oculto, esse duplo que se esconde nos recônditos da psique humana. As últimas décadas do século registram as primeiras experiências da psicanálise de Freud, que começava a desvendar os segredos da mente. Obras como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, e *William Wilson*, de Edgar Allan Poe, *As aventuras de Sherlock Holmes* de Arthur Conan Doyle revelam os horrores que se escondem sob uma aparência externa polida, contida, controlada. (SANTANA, 2016, p.191)

A literatura do século XX trouxe grandes contribuições para o gênero do terror e horror. H.P. Lovecraft, por exemplo, desenvolveu o chamado "Cosmic Horror" (Horror Cósmico), que explorava a insignificância da humanidade diante do desconhecido e do inominável. Foi também durante esse século que foi possível observar o auge do horror gótico, com autores como Stephen King, cujas obras se tornaram extremamente populares e tiveram diversas adaptações cinematográficas de sucesso.

No cinema, o terror também encontrou seu espaço. O filme *Nosferatu* (1922) de F.W. Murnau foi uma das primeiras adaptações de *Drácula* de Bram Stoker e estabeleceu as bases para o cinema de horror. A Universal Pictures, nas décadas de 1930 e 1940, lançou uma série de filmes clássicos de monstros, incluindo *Frankenstein* (1931), *Drácula* (1931) e *A Múmia* (1932). O gênero continuou a evoluir ao longo do século XX com a popularização do *slasher*¹, filmes de zumbis, filmes de possessão e muitos outros subgêneros.

Atualmente, o terror e o horror continuam a florescer tanto na literatura quanto no cinema, com a influência crescente de tecnologia, sociedade e cultura pop moldando novas abordagens e perspectivas. Além disso, o gênero encontrou uma nova plataforma na forma de videogames de terror, permitindo que os jogadores mergulhem em experiências imersivas e assustadoras.

Como é possível observar, o terror e o horror são gêneros intrinsecamente relacionados, mas distintos em sua abordagem. Ambos desempenham um papel crucial na exploração dos medos e ansios humanos e têm desfrutado de um lugar duradouro no cenário cultural ao longo da história.

2.2 O terror e o horror na literatura

Na literatura, o terror e o horror desempenham papéis significativos. Esses gêneros não se limitam apenas a assustar, mas também permitem explorar questões humanas fundamentais, como a mortalidade, o desconhecido e os aspectos mais sombrios da psique humana, além de questões específicas de uma determinada sociedade e período histórico. Através do terror e do horror, os escritores podem expressar e canalizar seus próprios medos e ansiedades, assim como aqueles que permeiam a sociedade, provocando reflexões e despertando emoções profundas nos leitores.

Como destacado anteriormente, o terror e o horror têm uma história rica e diversificada na literatura, remontando a séculos passados, com um marco importante em

¹ Subgênero do terror que retrata, geralmente, assassinos violentos que perseguem e matam suas vítimas de maneira plástica e muitas vezes sangrenta. O *slasher* possui certas características típicas, como um grupo de jovens, cenas de assassinato plásticas, clichês recorrentes e assassinos em série

Horace Walpole, que, com *O Castelo de Otranto* (1764), inaugurou o romance gótico e estabeleceu muitos dos elementos do terror clássico, como castelos sombrios, fantasmas e eventos sobrenaturais.

No século XIX, Edgar Allan Poe emergiu como uma figura seminal na literatura de terror, conhecido por suas narrativas macabras e atmosferas perturbadoras em poemas como "O Corvo", e contos como "A Máscara da Morte Vermelha" e "O Gato Preto". Poe usava a psicologia dos personagens para mergulhar na mente humana e criar histórias carregadas de angústia e medo.

Outra autora que se destacou nessa época foi Mary Shelley, cujo romance *Frankenstein* (1818) é considerado uma obra seminal no gênero de terror gótico. Shelley abordou questões de ética e responsabilidade ao explorar a criação da vida e suas consequências desastrosas.

No final do século XIX, Bram Stoker trouxe para o mundo a figura mais icônica do gênero com o romance *Drácula* (1897), popularizando a mitologia dos vampiros e influenciando inúmeras obras posteriores.

No século XX, H.P. Lovecraft se destacou com seu terror cósmico, introduzindo uma mitologia própria em contos como "O Chamado de Cthulhu". Lovecraft enfatizava o desconhecido e o indescritível, criando uma sensação de insignificância humana diante de forças cósmicas e antigas.

Já Stephen King, um dos autores de maior sucesso comercial do século XX e até hoje, explorou o terror cotidiano e a psicologia dos personagens em obras como *O Iluminado*, *It - A Coisa* e *Carrie, a Estranha*.

As estratégias de escrita no gênero de terror podem variar significativamente. Alguns autores enfocam o suspense, criando uma atmosfera de tensão e medo progressivo ao longo da narrativa. Outros optam pela abordagem mais visceral, usando descrições plásticas e cenas horríveis para provocar uma resposta emocional no leitor.

O medo é uma das emoções mais básicas e poderosas do ser humano, e a literatura de terror tem o papel de explorar e evocar essas emoções primárias. O gênero oferece um espaço seguro para enfrentarmos nossos medos mais profundos e, muitas vezes, desconhecidos,

permitindo-nos refletir sobre a natureza da existência, nossos temores internos e as complexidades da condição humana.

Ao longo dos tempos, o terror e o horror na literatura têm se adaptado aos medos e anseios das diferentes épocas, refletindo as preocupações sociais e individuais. Eles continuam a desafiar e entreter os leitores, abrindo portas para um mundo de imaginação e reflexão, bem como nos lembrando da capacidade humana de superar nossos medos e enfrentar o desconhecido.

3. O MEDO

O medo é uma emoção fundamental que desempenha um papel significativo na sociedade humana. Ele pode ser definido como uma resposta emocional a uma ameaça percebida, seja real ou imaginária, que desencadeia uma série de reações fisiológicas e psicológicas, preparando o organismo para enfrentar ou evitar essa ameaça. Além disso, tem uma função adaptativa, pois ajuda os seres humanos a identificar perigos e a reagir a eles, o que pode ser crucial para a sobrevivência. No entanto, o medo também pode ser uma força poderosa que molda o comportamento individual e coletivo, influenciando várias dimensões da vida social.

3.1 O medo na literatura de terror e horror

O medo é o elemento central na literatura de terror e horror, uma vez que a principal missão desses gêneros é provocar e explorar emoções que gerem medo, ansiedade e terror nos leitores. A abordagem do medo na literatura de terror é habilmente construída pelos autores por meio de várias estratégias e técnicas narrativas, que incluem:

1. Atmosfera e ambientação: Os escritores de terror frequentemente se concentram em criar uma atmosfera opressiva e sombria para envolver o leitor no clima assustador da história. O cenário gótico, com castelos abandonados, casas mal-assombradas ou florestas escuras, ajuda a estabelecer uma sensação de inquietação.

2. Suspense e tensão: A literatura de terror depende muito do suspense e da construção de tensão para manter o leitor envolvido e ansioso para descobrir o que acontecerá a seguir. As pausas dramáticas, revelações graduais e o uso eficiente do silêncio podem criar momentos de tensão intensa.
3. Personagens vulneráveis: Geralmente, as histórias de terror apresentam personagens com os quais o leitor pode se identificar, tornando-os mais vulneráveis aos perigos e ameaças. Isso faz com que o leitor se preocupe com o destino dos personagens e aumente a sensação de medo e empatia.
4. Elementos sobrenaturais e desconhecidos: Monstros, fantasmas, criaturas sobrenaturais ou eventos inexplicáveis são comuns na literatura de terror. O desconhecido e o inexplicável geram ansiedade e alimentam a imaginação do leitor, aumentando o medo do que está além da compreensão.
5. Terror psicológico: Além dos elementos sobrenaturais, o terror psicológico é uma estratégia fundamental no gênero. Os escritores exploram os medos internos dos personagens e leitores, como a solidão, a loucura, a culpa e as fobias, criando uma experiência mais profunda e perturbadora.
6. Descrições visuais: O horror muitas vezes apresenta cenas plásticas que provocam sensações de repulsa e choque no leitor. As descrições detalhadas de sangue, mutilação e violência intensificam a sensação de horror e pavor.
7. Metáforas e simbolismo: O terror frequentemente utiliza metáforas e simbolismo para abordar questões mais profundas e complexas da condição humana. Monstros e eventos assustadores podem representar medos sociais, traumas pessoais ou confrontos internos.

3.2 A construção do medo na sociedade

A construção do medo na sociedade é um processo complexo, que envolve uma série de fatores, incluindo cultura, política, mídia e psicologia. O medo pode ser construído e moldado de várias maneiras, e seu impacto na sociedade pode ser profundo.

Em um primeiro momento temos a interferência dos aspectos cultural e histórico. O medo muitas vezes é enraizado na cultura e na história de uma sociedade. Eventos traumáticos do passado, como guerras, epidemias e desastres naturais, podem deixar uma marca duradoura na psicologia coletiva de uma sociedade, moldando os medos presentes.

Através dessa cultura surgem também as narrativas e mitos que são construídos e transmitidos de geração em geração. Por exemplo, lendas urbanas e histórias de terror populares podem alimentar medos compartilhados.

A mídia também desempenha um papel significativo na construção do medo na sociedade. Notícias sensacionalistas, cobertura de crimes violentos e representações exageradas de ameaças podem criar uma sensação de insegurança. Da mesma maneira, políticos podem explorar o medo como uma ferramenta para ganhar apoio ou promover agendas específicas, exagerando ameaças percebidas ou criando inimigos externos para mobilizar a população. O próprio Stephen King relata em *Dança Macabra* que passou por uma experiência assim enquanto assistia um filme no cinema que foi interrompido pela notícia “aterradora” do lançamento do Sputnik pelos russos:

Assim sendo, pela última vez antes de seguirmos adiante, outubro de 1957. Agora, por mais absurdo que possa parecer, *A Invasão dos discos voadores* se transformou numa declaração política simbólica. Por trás do enredo de polpudos invasores do espaço, há o prenúncio da Terceira Guerra Mundial. Aqueles monstros velhos, gananciosos e distorcidos pilotando os discos voadores são, na verdade, os russos; a destruição do monumento de George Washington, do Capitólio e da Suprema Corte - tudo destruído com um sinistro realismo gráfico pelos efeitos de *stop-motion* de Harryhausen - se torna nada menos que a destruição logicamente esperada quando bombas atômicas fossem finalmente lançadas. (KING, 2013 p. 29)

A religião também exerce grande influência na construção do medo na sociedade, sendo um fenômeno complexo e que possui raízes profundas na história da humanidade. A relação entre religião e medo pode ser examinada de várias maneiras, incluindo como as religiões muitas vezes exploram o medo para alcançar diversos objetivos, como controle social, coesão comunitária, conformidade moral e até mesmo a busca por respostas para questões existenciais.

Entre as estratégias utilizadas pela maioria das religiões para construir o medo estão o medo do divino, o medo da incerteza da morte, o medo do pecado (e da sua conseqüente condenação), o medo do desconhecido e do sobrenatural (com a constante lembrança de que tudo que é ligado ao mundo espiritual e ao sobrenatural é ameaçador), o medo da exclusão social, entre outros.

É importante ressaltar que nem todas as religiões utilizam o medo como uma estratégia de manipulação ou controle. Muitas tradições religiosas enfatizam valores como amor, compaixão, perdão e empatia. No entanto, ao longo da história, o medo tem sido uma ferramenta eficaz na construção e manutenção da religião, influenciando as crenças e ações das pessoas em busca de orientação espiritual e moral.

Outro aspecto com influência significativa na construção do medo é o comportamento de grupo. O medo pode ser ampliado quando as pessoas se reúnem em grupos, a psicologia de grupo pode levar à histeria coletiva e à amplificação do medo, como visto em eventos históricos como a caça às bruxas em Salem ou casos de linchamento em grupo como resposta a algum boato espalhado em redes sociais (Vide o caso de Fabiane Maria de Jesus, vítima de uma notícia falsa publicada e compartilhada em maio de 2014 no Facebook.). As respostas ao medo na sociedade podem variar amplamente. Por muitas vezes o comportamento de grupo pode ser afetado pelo medo do desconhecido, uma parte fundamental da construção do medo. Novas tecnologias, culturas estrangeiras e mudanças sociais podem ser vistas como ameaças potenciais simplesmente porque são desconhecidas. Pode haver um apelo à ação, como a implementação de medidas de segurança, ou pode haver uma reação de isolamento e preconceito contra grupos percebidos como diferentes ou ameaçadores.

A construção do medo também é influenciada pela psicologia individual. As experiências pessoais, traumas e vulnerabilidades individuais podem afetar a forma como uma pessoa percebe e reage ao medo.

E, assim como o controle feito pela política, os interesses econômicos também têm grande influência. Em alguns casos, a construção do medo pode servir a interesses econômicos, como a venda de produtos de segurança, seguros ou tecnologias de vigilância. A tecnologia moderna e a globalização têm amplificado a construção do medo. As notícias e

informações circulam rapidamente, permitindo que eventos distantes pareçam iminentes, e as mídias sociais podem amplificar o medo e a polarização.

É importante reconhecer que o medo pode ser uma emoção legítima e adaptativa, que ajuda a sociedade e o indivíduo a identificar e reagir a perigos reais. No entanto, a construção exagerada do medo ou o uso político-econômico do medo podem ter consequências negativas, incluindo a criação de divisões na sociedade, a erosão das liberdades individuais e a promoção de políticas prejudiciais.

Portanto, é essencial que a sociedade seja crítica em relação à construção do medo e busque informações precisas e equilibradas para avaliar adequadamente as ameaças percebidas. Além disso, é importante promover o diálogo e a compreensão mútua para superar medos infundados e promover uma sociedade mais coesa e segura.

A literatura de terror possui uma relação intrincada com a construção do medo na sociedade, frequentemente explorando questões sociais e culturais mais amplas por meio de elementos de horror. Para alguns, a literatura de terror serve como uma forma de entretenimento e escapismo, permitindo que os leitores se afastem da realidade e se entreguem à emoção do medo. Segundo Aristóteles escreveu em sua obra *A Poética*, a arte (e hoje podemos incluir nessa percepção a literatura de terror) pode proporcionar a catarse (termo que provém do grego “kátharsis” e é utilizado para designar o estado de libertação psíquica que o ser humano vivencia quando consegue superar algum trauma como medo, opressão ou outra perturbação psíquica), permitindo que as pessoas liberem suas emoções e confrontem seus medos de maneira segura.

Em resumo, o medo é uma emoção complexa que exerce uma influência profunda na sociedade. A literatura de terror desempenha um papel ambíguo nessa dinâmica, oferecendo tanto a oportunidade de explorar nossos medos e refletir sobre questões sociais quanto o risco de perpetuar estereótipos e promover o medo irracional. Portanto, é importante abordar criticamente a forma como o medo é retratado na literatura de terror e compreender como ele pode intervir na sociedade.

3.3 Os tipos de medo

O medo é uma emoção complexa e multifacetada, podendo ser categorizado em vários tipos diferentes, com base em suas causas, origens e manifestações.

O Medo Fisiológico é o tipo mais básico e primitivo, muitas vezes chamado de "medo de sobrevivência", está relacionado à resposta de luta ou fuga do corpo e é desencadeado por ameaças iminentes à vida, como predadores ou perigos físicos. Uma referência no que diz respeito ao medo fisiológico é a proposta desenvolvida por Walter Cannon e expandida pelo fisiologista Philip Bard: a teoria Cannon-Bard (1927) que sugere que a experiência física e psicológica da emoção acontece ao mesmo tempo e não que uma causa a outra, tendo o Tálamo como centro da resposta de luta ou fuga.

O Medo Psicológico está relacionado a ameaças que são mais emocionais ou psicológicas do que físicas, o que inclui medo de falhar, medo de rejeição social, medo de perder o emprego, entre outros. Richard Lazarus e Susan Folkman (1980) abordaram, em sua teoria da ameaça cognitiva, a forma como as pessoas percebem e respondem a essas ameaças psicológicas.

O Medo Social envolve a ansiedade em situações sociais, como falar em público, conhecer novas pessoas ou ser julgado pelos outros. A fobia social é um exemplo desse tipo de medo e alguns psicólogos já têm feito estudos sobre sua formação e possíveis técnicas para superá-lo, um exemplo é o estudo de Albert Bandura (1988).

O Medo Específico ou Fobia são medos intensos e irracionais de objetos, situações ou animais específicos. Por exemplo, o medo de aranhas (aracnofobia), o medo de lugares fechados (claustrofobia), medo do mar (talassofobia), entre outros.

O Medo Existencial está relacionado à ansiedade em relação à própria existência e à inevitabilidade da morte. Filósofos como Søren Kierkegaard e Jean-Paul Sartre exploraram profundamente as questões do medo existencial.

O Medo Cultural e Socialmente Construído: muitas vezes, o medo é moldado pela cultura e pela sociedade. Um exemplo disso é o medo do crime frequentemente alimentado pela mídia e pela política. A sociologia e a antropologia são áreas que se ocupam de examinar como os medos são construídos e compartilhados em diferentes culturas e sociedades.

O Medo de Traumas Passados pode ser alimentado por transtornos de estresse pós-traumático (TEPT), que é uma resposta ao medo após a exposição a eventos traumáticos.

O Medo de Mudanças e Incertezas ocorre quando as pessoas têm medo do desconhecido e de mudanças significativas em suas vidas, esse tipo de medo pode estar relacionado à ansiedade sobre o futuro e é frequentemente explorado na literatura e na psicologia.

Por último, temos o Medo Induzido por Mídia e Entretenimento. Filmes de terror, jogos de vídeo e outras formas de entretenimento podem criar medo como uma experiência controlada e temporária. Vários estudos de psicologia e comunicação de massa já examinam como a mídia influencia o medo e a ansiedade. Masi (2014), por exemplo, discorre sobre as influências da mídia sobre a disseminação da cultura do medo e da violência na sociedade em seu artigo “O Papel da Mídia na Disseminação do Medo”. Já em Santos e Oliveira (2022) podemos ver um pouco sobre o impacto das mídias sociais no desenvolvimento de transtornos psicológicos como a ansiedade.

3.4 O medo da violência

O medo da violência é uma resposta emocional e psicológica de apreensão, ansiedade e insegurança em relação à possibilidade de ser vítima de algum ato violento, agressão física, ou crime. É uma preocupação profundamente arraigada na psicologia humana e pode variar em intensidade de pessoa para pessoa, dependendo de experiências pessoais, contexto social e cultural, e fatores ambientais.

Os medos Fisiológico, Psicológico, Cultural e Socialmente Construído são os que mais influenciam na construção do medo da violência, contudo, o medo Induzido pela Mídia e Entretenimento também exerce grande contribuição, uma vez que para que o medo floresça é necessário que ele seja apresentado de alguma maneira.

A insegurança no mundo moderno está cada vez mais ligada à ascensão da violência, que, por sua vez, promove a base e o fortalecimento de um imaginário do medo. Essas questões - insegurança, violência, medo - vêm ganhando realce nas discussões e produções atuais, na mídia, nas universidades, nas escolas, no cotidiano das pessoas, em virtude das consequências

que originam e da aparente falta de controle de que se revestem. (TEIXEIRA e PORTO, 1998, p.1)

É do medo da violência que surgem todos os medos, uma vez que, mesmo quando estamos falando de um medo gerado por um monstro ou por algo sobrenatural, o que essas criaturas fazem é gerar um risco à integridade física de quem as teme. Da mesma maneira, os medos considerados mais “reais” causam o mesmo efeito com a possibilidade de ferir alguém.

4. O MEDO EM *IT* - A COISA

4.1 A escrita de Stephen King

O processo de escrita de livros de terror ou horror é uma jornada criativa que envolve várias etapas, desde a concepção da ideia até a publicação final. Tudo tem início com leitura e pesquisa, autores de terror frequentemente começam com uma base sólida de leituras do gênero. Stephen King, em seu livro *Sobre a Escrita* (2015), é um dos que destaca a importância de ler amplamente para enriquecer a base de inspiração. Muitos autores de terror também recomendam manter um registro de pesadelos e sonhos bizarros como fonte de inspiração para elementos assustadores. Em entrevista realizada nos anos 80, Clive Barker, autor de obras como *Hellraiser*, conta que suas ideias “vêm de sonhos.”

Criar personagens bem desenvolvidas é outro aspecto fundamental. Shirley Jackson, autora de *A Assombração da Casa da Colina* (1959), enfatizou a importância de personagens interessantes para construir o suspense. A construção gradual do medo também é um processo de grande importância no gênero, assim como descrições vívidas e detalhadas que permitam a criação de uma atmosfera opressiva.

Stephen King é um dos autores mais famosos no que diz respeito à utilização de descrições detalhadas. Em *IT*, por exemplo, o escritor faz questão de passar por todos os personagens principais de maneira lenta e trabalhada, fazendo com que os leitores possam adentrar em suas vidas e personalidades.

4.2 O desenvolvimento do medo em *It - A Coisa*

Em “A forma do medo: uma análise de *It a Coisa*, de Stephen King” (2021), Prado e Miranda listam e definem as diversas formas de medo presentes nessa obra de Stephen King. A primeira forma do medo, segundo os autores, aparece com o personagem de George Denbrough, irmão mais novo de Bill. George representa o medo infantil, aquele que nasce da nossa imaginação e é alimentado por fatores como a escuridão (ou a falta de luz) e a possibilidade da morte (ou o risco de tirar a integridade da vida): “são medos comuns nas crianças, mas tratam de inseguranças de todos os seres humanos” (2021, p. 86)

A segunda forma de medo presente no livro está diretamente ligada ao medo da violência homofóbica (o medo de ser morto por sua orientação sexual) e é apresentada através do personagem de Adrian Mello, que é espancado por um grupo de jovens homofóbicos e jogado em um rio, onde, em seguida, é atacado pela Coisa. King deixa claro em seu livro que não eram somente os agressores que apresentavam comportamento homofóbico, mas toda a cidade. “MATEM TODOS OS VEADOS” e “AIDS É DE DEUS, SEUS BICHAS DOS INFERNOS” (KING, 2014, p. 27) foram algumas das pichações que precisaram ser apagadas para que as pessoas que frequentavam o festival que ocorria na cidade no momento do “incidente” não ficassem com uma impressão ruim do local. Além disso, durante o interrogatório dos acusados, é possível observar que nem mesmo os policiais e investigadores estavam satisfeitos com o comportamento de Mello.

A terceira forma de medo abordada é o medo urbano. Esse tipo de medo é constantemente alimentado na sociedade, com a mídia tendo um papel de grande importância na sua propagação. Prado e Miranda (2021, p. 88) destacam que “quanto mais insegura se sente a população, mais se investe em segurança privada, de modo que o medo acaba por ser um negócio”.

Se na literatura gótica, havia o medo de casas mal assombradas, antecedido pelo medo de castelos “mal assombrados”, como vemos em *O castelo de Otranto*, de Walpole, na literatura de terror contemporânea o medo pode estar na cidade inteira, como é o caso de Derry, cidade ficcional inventada por King, que ficaria no estado do Maine. O medo das cidades atualmente é o equivalente ao anterior medo de castelos e casas mal assombradas, o que significa que o medo da violência tem sido intensificado, a partir dos relatos de violência generalizada da mídia, especialmente contra a população marginalizada e, muitas vezes, por parte da própria polícia. Segundo artigo de Raquel do Rosário e Diego Augusto Bayer, como o crime costuma

despertar a curiosidade da população, a mídia acaba por explorar esse nicho, o que estimula a sensação de insegurança. (PRADO E MIRANDA, 2021, p. 88-89).

Em *IT* a violência é representada por uma entidade que parece causar efeitos negativos no comportamento da população, gerando atitudes que ameaçam a integridade física de outras pessoas. Na vida real temos um conjunto de entidades e organizações que causam essa violência, aumentando assim a sensação de insegurança.

A quarta forma de medo vem representada pela violência infantil. Sua apresentação na obra vem a partir do relato de uma violência sofrida por uma criança de quatro anos, Dorsey, que é espancada pelo padrasto e levada ao hospital para morrer. Ao longo do relato fica claro que não foi somente o homem o responsável pela morte da criança, mas um grupo de pessoas que negligenciaram os sinais de maus tratos vividos pelo menino. Professoras, conhecidos e a própria mãe se mantiveram calados e decidiram não opinar sobre os “corretivos” que o padrasto resolvia dar a Dorsey.

É nesse círculo de violência que ocorre mais um ataque. O irmão mais velho de Dorsey foge de casa para tentar se livrar das agressões que também sofria e, enquanto está em uma praça, é atacado pela Coisa, que utiliza a imagem do irmão para assustá-lo. Segundo Prado e Miranda, é possível observar que essa criança era “uma vítima perfeita para a Coisa”, uma vez que “já sentia medo e não se sentia segura em nenhuma parte”.

Segundo King, “não é a aberração em si, seja ela física ou mental, que nos horroriza, mas, em vez disso, a desordem que tais aberrações parecem implicar” (KING, 2014, p.71). No caso da narrativa, essa desordem vem da violência autorizada dos pais, da impunidade em relação a esse tipo de violência e da possibilidade de essas ações violentas se repetirem. (PRADO E MIRANDA, 2021, p.90)

Essa parte da narrativa, onde o medo da violência infantil é trabalhado, também diz muito sobre a maneira com a qual a Coisa atua. Não é à toa que ela prefere atacar crianças, elas são mais suscetíveis e impressionáveis. Assim como o medo infantil representado por George (que imagina uma garra que o vai puxando para a escuridão todas as vezes que desce ao porão), o medo representado por Dorsey e seu irmão são os motivos pelos quais a criatura

prefere atacar crianças. Adultos, a princípio, não têm medo do escuro e das coisas que podem estar escondidas lá, assim como são mais seguros de si e menos expostos a terrores (com exceção dos medos citados aqui, que sempre incluem certo tipo de fragilidade física ou psicológica).

A quinta forma de medo é exposta na narrativa através da violência contra a mulher e o feminicídio. Essa última forma do medo (uma das que afetam adultos) aparece representada na narrativa pela história de Beverly que sofre agressões físicas e psicológicas tanto do pai, enquanto jovem, quanto do marido, depois de adulta.

Segundo Prado e Miranda, “esse medo não é somente de mulheres que estão dividindo a vida com alguém, e sim da insegurança presente na sociedade contemporânea”. Esse argumento pode ser corroborado quando pensamos na propagação de notícias na mídia, que sim mostram uma realidade sofrida por muitas mulheres, mas também servem como uma espécie de combustível que faz com que a sensação de insegurança e o medo de sofrer esse tipo de violência aumente entre a população feminina.

O medo das mulheres é um medo coletivo, assim como o medo de crianças e gays, em uma sociedade em que a violência não só não é suficientemente punida, quanto acaba por ser alimentada pela cultura. Assim, novamente King atualiza o medo na narrativa, expondo toda uma engrenagem social que se alimenta da insegurança, assim como o que acontece na fictícia Derry, em que a cidade alimenta a Coisa. (PRADO E MIRANDA, 2021, p. 93)

Por fim, podemos entender que todas as formas do medo exploradas na narrativa estão ligadas à imagem do monstro, uma criatura que é formada por características que a afastam de uma aparência humana, mesmo que quando, por muitas vezes, os monstros que cometem tais atos de violência sejam humanos. A Coisa é um símbolo, uma representação que catalisa todos os medos, em suas várias formas, que estão espalhados pela sociedade .

Em uma observação mais profunda da obra, é possível depreender mais uma forma do medo que não é abordada por Prado e Miranda, o medo do preconceito. Essa forma do medo está representada na obra por Stanley (e sua esposa em seu relato) nas ocasiões em que sofre preconceito, muitas vezes disfarçado de bricadeira, por ser judeu e também por Mike e seu pai, que apresentam histórias brutais sobre racismo e até mesmo um episódio de assassinato

causado por pessoas que repudiavam os negros e incendiaram um bar onde a maioria frequentadora se travava de negros, causando um incidente com diversas mortes. Esse, assim como os outros, também é um medo muito presente na nossa sociedade, o medo de sofrer preconceito por algo que você é e, ainda mais profundamente, o medo de ser ferido ou até assassinado por esse motivo.

4.3 Representações sociais do medo na obra

Segundo Stephen King, “o horror [é] essa sensação de medo que é a base do terror, uma emoção ligeiramente menos definida, por não ser inteiramente do espírito. O horror também invoca uma reação física ao nos mostrar algo que está fisicamente errado” (KING, 2012, p. 46). Ou seja, para que haja literatura de terror/horror, é preciso articular a linguagem de modo a construir situações que causem medo. Para o autor, o terror é uma arte, pois lida com representações de emoções humanas: “o desconhecido nos amedronta. Mas nós adoramos dar uma olhadinha nele às escondidas”.(KING, 2012, p. 23).

Através dessa concepção, King recria em seus personagens as representações da sociedade que nos cerca. Como relatado anteriormente, essa representação está presente em diversos personagens durante o decorrer da obra, mas aqui vamos nos apegar somente aos personagens principais e em como cada um deles tem o poder de levar o leitor a experimentar medos e angústias presentes não só em suas vidas, mas na sociedade como um todo.

Em *It* de Stephen King, os personagens principais são os membros do "Clube dos Perdedores", um grupo de crianças que enfrenta a entidade maligna conhecida como "A Coisa" em duas linhas do tempo diferentes, na década de 1950 e na de 1980. Cada um dos personagens tem seus próprios problemas pessoais, medos e traumas que desempenham um papel fundamental na narrativa.

Bill Denbrough, o líder do grupo na década de 1950, é conhecido por sua gagueira mas também possui um problema pessoal mais profundo, a culpa que sente pela morte de seu irmão caçula, Georgie. Beverly Marsh, a única garota do grupo, enfrenta um ambiente doméstico conturbado, sofrendo abuso físico e emocional de seu pai. Ben Hanscom é um menino obeso que sofre bullying na escola. Ele é atormentado por seu excesso de peso e sente

que não é amado ou aceito. Eddie Kaspbrak, o hipocondríaco do grupo, é controlado por sua mãe superprotetora. Mike Hanlon é o único membro do grupo que permanece em Derry quando adulto e trabalha na biblioteca da cidade. Ele enfrenta o racismo, uma vez que é o único membro afro-americano. Richie Tozier é conhecido por sua personalidade extrovertida e seu humor, que aparentemente são usados para disfarçar a solidão e o desejo de ser verdadeiramente entendido. Por último temos Stan Uris, o membro mais cético do grupo e que muitas vezes tem dificuldade em aceitar o horror sobrenatural da Coisa.

Quando nos debruçamos em uma análise mais rebuscada, podemos observar que a representação social do medo de Bill Denbrough em *It* é profundamente relacionada à culpa e ao luto, mas também carrega elementos de perda e impotência. O medo do menino está enraizado em uma experiência traumática que tem consequências sociais e emocionais significativas.

Além disso, a gagueira de Bill é uma característica proeminente do personagem. Sua dificuldade de fala é uma representação social de sua luta por aceitação e comunicação eficaz. Em Derry, as pessoas frequentemente o tratam de forma diferente por causa de sua gagueira, o que o faz se sentir alienado e excluído. Isso reflete uma realidade social onde as pessoas muitas vezes são estigmatizadas devido a suas diferenças ou deficiências.

Entretanto, a principal representação social do medo em Bill está ligada à morte de seu irmão caçula, que foi morto nas mãos da Coisa. Ele se culpa profundamente pela perda de Georgie e acredita que, como irmão mais velho, deveria ter protegido e cuidado melhor dele. Esse sentimento de culpa não é apenas uma questão pessoal, mas também uma representação da pressão social sobre os irmãos mais velhos para proteger seus irmãos mais novos.

Bill é um personagem determinado e corajoso que representa a determinação na busca por justiça e ao enfrentamento de seus medos. Ele se recusa a fugir do passado e está determinado a confrontar A Coisa e resolver o mistério de Georgie. Isso também pode ser visto como uma representação social da necessidade de enfrentar o passado e a verdade, mesmo que isso seja assustador ou doloroso. A busca de Bill pela Coisa e sua determinação em proteger seus amigos refletem a necessidade de aceitação e inclusão social. Ele encontra força no apoio de seu grupo de amigos, o Clube dos Perdedores, e isso demonstra a importância de conexões sociais na superação do medo e da adversidade.

Em resumo, a representação social do medo no personagem de Bill Denbrough em *It* está profundamente ligada à culpa, luto, aceitação e justiça. A história de Bill reflete aspectos sociais relacionados à diferença, traumas familiares e a importância das conexões sociais na superação do medo.

Em outro ponto, quando analisamos Beverly Marsh, percebemos que a representação social do medo na personagem é multifacetada e profundamente relacionada aos desafios que as mulheres enfrentam na sociedade. Beverly é uma personagem complexa que lida com o medo de abuso, controle masculino e as expectativas sociais em relação às mulheres.

Vítima de violência doméstica por parte de seu pai, Al Marsh, ela teme as explosões de raiva dele e as consequências físicas e emocionais disso. Sua experiência de violência doméstica reflete o medo real que muitas mulheres enfrentam em um ambiente doméstico abusivo. À medida que a adolescência avança, Beverly enfrenta o medo da sexualidade e da transição para a idade adulta. Sua primeira menstruação é tratada como um evento aterrorizante e misterioso, e ela teme os estigmas sociais associados à sexualidade feminina. Esse medo é ampliado pela falta de educação sexual adequada e pela repressão de tópicos relacionados à sexualidade na sociedade da época.

A história de Beverly também envolve sua busca por independência e liberdade pessoal, incluindo a luta contra o controle de seu pai e a busca por sua própria identidade. Isso pode ser visto como uma representação social do desejo das mulheres de conquistar independência e empoderamento em uma sociedade que frequentemente restringe seu papel e poder de decisão.

Beverly encontra força no apoio das outras crianças do Clube dos Perdedores. A amizade e a solidariedade que ela compartilha com seus amigos representam a importância da união e da solidariedade como uma forma de enfrentar os medos e desafios sociais.

A representação social do medo em Beverly Marsh é intrinsecamente ligada a questões de gênero, abuso e empoderamento feminino. A personagem enfrenta uma série de desafios que ecoam as experiências de muitas mulheres, tornando-a uma figura poderosa e complexa na história. Sua jornada de superação dos medos sociais e pessoais é uma parte fundamental da narrativa de *It* e oferece uma visão significativa das questões que as mulheres enfrentam na sociedade.

Passando nossa análise para o próximo integrante do grupo, percebemos que a representação social do medo em Ben Hanscom está profundamente ligada a questões de aparência física, bullying e auto aceitação. Ben é um personagem que lida com o medo de ser julgado e excluído com base em sua aparência física.

A obesidade de Ben é uma característica proeminente de sua personalidade e uma fonte significativa de medo. Ele é vítima de bullying na escola, sendo constantemente zombado e estigmatizado devido ao seu excesso de peso. A sociedade muitas vezes associa a obesidade à falta de autocontrole, preguiça e falta de atração física, o que pode criar um ambiente hostil para pessoas como Ben.

O medo de Hanscom está enraizado na experiência de ser alvo de bullying e de ser excluído devido à sua aparência. Ele teme ser rejeitado pelos colegas, não ser aceito e ser visto como um "perdedor" devido ao seu peso. Essa representação do medo ilustra os desafios enfrentados por muitas pessoas que sofrem com o bullying e o estigma social. O medo de Ben também está relacionado à necessidade de aceitação e auto aceitação. Ele deseja ser visto como alguém valioso e digno de amor, apesar de sua aparência, e isso reflete a busca universal de todos por aceitação e amor, independentemente de sua aparência física.

À medida que a história avança, Ben demonstra coragem e determinação em enfrentar seus medos e lidar com o bullying. Ele faz isso por meio de sua busca para resolver o mistério da Coisa e por meio do crescimento pessoal, algo que pode ser visto como uma representação social do poder da auto aceitação e da capacidade de superar adversidades.

A representação social do medo em Ben Hanscom destaca as questões da estigmatização da obesidade e do bullying, que são problemas sociais muito reais que afetam pessoas em todo o mundo. A jornada de Ben em direção à autoaceitação e autovalorização também reflete a importância do empoderamento pessoal e da superação dos estereótipos e preconceitos sociais relacionados à aparência física.

A jornada de Eddie Kaspbrak em *It* é intrinsecamente relacionada a questões de saúde, hipocondria e controle parental. Eddie é um personagem que enfrenta o medo de sua própria fragilidade, a superproteção de sua mãe e as expectativas sociais em relação à masculinidade.

Kaspbrak é hipocondríaco, o que significa que ele tem um medo constante de estar doente ou ferido. Esse medo é exacerbado pela superproteção de sua mãe, que o faz acreditar que ele está sempre em perigo e isso reflete uma preocupação social mais ampla com a saúde e o medo de doenças, especialmente entre as crianças. A mãe de Eddie é super protetora e controladora, monitorando cada aspecto de sua vida e mantendo-o isolado de situações potencialmente perigosas, o que simboliza a preocupação dos pais em proteger seus filhos, mas também mostra como o excesso de controle pode criar medo e insegurança nas crianças.

Fortemente influenciado por sua mãe, que o ensina a acreditar que a masculinidade envolve ser forte, corajoso e resistente, seu medo e fragilidade são contrários a essas expectativas sociais de masculinidade, o que faz com que questione sua própria autoimagem e identidade. O arco de Eddie envolve sua jornada em direção à independência e à liberdade em relação ao controle materno. Ele precisa enfrentar seus medos e questionar a autoridade de sua mãe para crescer e se tornar mais autoconfiante.

A representação social do medo em Eddie Kaspbrak destaca as preocupações em torno da saúde e da superproteção parental, bem como as expectativas de gênero e masculinidade. Sua jornada de superação desses medos reflete a importância da independência, autoafirmação e enfrentamento dos medos sociais e pessoais para o desenvolvimento pessoal e a construção de identidade. Além disso, ele lança luz sobre como o medo pode ser uma força paralisante, limitando a liberdade e a autoestima das crianças e mais a frente dos adultos que essas crianças irão se tornar.

Adiante, temos Mike Hanlon, o único membro do Clube dos Perdedores que permanece em Derry, e que como adulto trabalha na biblioteca da cidade, onde é o guardião da história local. Enfrentando o racismo em uma cidade que é predominantemente branca e onde o preconceito racial é bastante evidente, seu medo está ligado à discriminação racial e à necessidade de ser aceito e respeitado em uma comunidade que muitas vezes o vê como um estranho devido à sua origem afro-americana.

Hanlon assume o papel de historiador do grupo, coletando informações sobre a história de Derry e pesquisando os eventos sombrios da cidade e por esse motivo também carrega o medo de que a história da cidade seja esquecida e negligenciada, o que pode permitir que o

mal se perpetue. Isso reflete a importância de preservar a história e a memória para entender e superar problemas sociais.

Mike é um membro valioso do Clube dos Perdedores e representa a unidade e a solidariedade em face do preconceito e do medo. Sua amizade e colaboração com os outros membros do grupo mostram como a união pode ser uma resposta eficaz ao medo e à discriminação. Assim como seus amigos, Mike deve enfrentar o desconhecido e o horror da Coisa. Seu medo está relacionado ao ato de confrontar um mal sobrenatural, mas sua experiência também é moldada pelas batalhas que trava contra o mal que está dentro das pessoas.

A representação social do medo em Mike Hanlon é um componente crucial da narrativa, que destaca as questões de preconceito racial e a importância de lembrar e aprender com a história. Sua jornada para enfrentar não apenas A Coisa, mas também o racismo, mostra como o medo pode ser um obstáculo significativo, mas também como a união, a solidariedade e a coragem podem superar esse medo e levar à superação pessoal e social.

Com Richie Tozier o medo está relacionado a questões de identidade, solidão e o uso do humor como uma máscara para encobrir medos internos. Richie é conhecido por seu senso de humor extrovertido, mas por trás desse exterior engraçado, ele esconde um medo profundo de não ser compreendido ou aceito.

Usando o humor como uma forma de lidar com a solidão e o sentimento de que ninguém realmente o entende, seu medo está enraizado na ideia de que, se as pessoas o conhecessem verdadeiramente, ele seria rejeitado ou deixado de lado. Isso reflete uma preocupação social mais ampla sobre a importância da conexão e da compreensão emocional entre as pessoas.

Richie também lida com a pressão das expectativas sociais em relação ao comportamento masculino. Ele sente a necessidade de se encaixar em um estereótipo de masculinidade que é muitas vezes associado à força, coragem e falta de expressão emocional. Seu medo de revelar seus medos e fraquezas sociais é uma manifestação dessas expectativas.

Já o uso do humor como um mecanismo de defesa é uma representação social comum do medo, muitas pessoas usam o humor como uma forma de mascarar seus medos e

inseguranças, e Richie é um exemplo disso. Essa estratégia permite que ele evite confrontar suas emoções mais profundas. A jornada de Richie envolve aprender a ser autêntico e se permitir ser vulnerável em vez de se esconder atrás do humor, o que reflete a importância da aceitação de si mesmo e da busca de relacionamentos genuínos, onde as pessoas não precisam usar máscaras.

A representação social do medo em Richie Tozier destaca a importância da compreensão, da autenticidade e da aceitação pessoal, bem como as complexas expectativas de gênero que moldam o comportamento dos indivíduos. Sua jornada de enfrentamento dos medos emocionais e de ser verdadeiramente compreendido é um elemento fundamental da narrativa de *It* e oferece uma visão valiosa das complexidades das emoções humanas e das dinâmicas sociais.

Por último temos Stan Uris um personagem que está relacionado ao ceticismo, ao medo do desconhecido e ao confronto com a mortalidade. Stan é cético em relação aos aspectos sobrenaturais da história e luta para aceitar os horrores sobrenaturais que eles enfrentam.

Seu medo está relacionado à relutância em aceitar o horror que A Coisa representa. Ele é uma representação social do medo do desconhecido e da tendência humana de duvidar do que não pode ser facilmente explicado. O medo de Stan está ligado à mortalidade e à ideia de que a morte é algo aterrorizante e inexplicável. Ele teme o que pode acontecer após a morte, e seu medo é agravado pela presença da Coisa, que representa uma ameaça à sua vida.

Stan é o primeiro a recusar o chamado quando o Clube dos Perdedores se reúne como adultos para enfrentar A Coisa novamente. Sua relutância em confrontar o horror reflete o desejo humano de evitar situações desconfortáveis e aterrorizantes. A jornada de Stan envolve a luta para compreender e aceitar o que está acontecendo. Ele é forçado a superar seu ceticismo e enfrentar a realidade sobrenatural da Coisa. Isso pode ser visto como uma representação social da necessidade de enfrentar o desconhecido e superar os medos em nossa busca por compreensão e aceitação.

A representação social do medo em Stan Uris destaca a tensão entre o ceticismo e a fé, a racionalidade e o sobrenatural, e a luta para compreender o inexplicável. Sua jornada mostra

como enfrentar o medo do desconhecido é muitas vezes uma parte fundamental do crescimento e do confronto com a realidade.

Como podemos observar, King consegue concentrar nos personagens principais de sua obra a representação dos temores presentes na sociedade como um todo, nos levando a refletir sobre a importância de enfrentar nossos medos, mas também sobre a importância de entender a complexidade das relações em grupo e dos comportamentos de cada indivíduo como forma de crescimento pessoal e em sociedade.

4.4 O medo como forma de controle

Em *Dança Macabra*, Stephen King faz uma comparação entre os períodos em que o terror tem um aumento de popularidade e períodos de grande tensão política e econômica. Essa ligação pode estar relacionada ao fato de que as pessoas sentem a necessidade de expurgar seus sentimentos de temor durante momentos de incertezas. Os filmes, livros e outras obras do gênero são formas de “esquecer” seus próprios terrores e pensar nos que afetam outros.

Os filmes de terror sempre foram populares, mas a cada dez ou vinte anos eles parecem desfrutar um ciclo de maior popularidade e interesse. Esses períodos parecem quase sempre coincidir com épocas de grande tensão política e/ou econômica e os filmes e livros parecem refletir essa ansiedade à flor da pele (na ausência de termo mais apropriado) que acompanha estes sérios, mas não fatais deslocamentos. (KING, 2013, p. 45).

O medo que surge durante esses períodos conturbados tem sido historicamente potencializado e utilizado por outros meios como a mídia e o governo como uma ferramenta poderosa de controle em várias esferas da sociedade. O uso do medo como forma de controle é frequentemente associado à manipulação psicológica, política, social e econômica.

Dentro desse contexto, destacamos a mídia e o governo como maiores potencializadores dessa sensação de temor que se espalha pela sociedade.

O medo construído pela mídia é uma estratégia que tem sido usada ao longo do tempo para influenciar a opinião pública e direcionar o comportamento das pessoas. A mídia desempenha um papel fundamental na formação da nossa visão de mundo, e quando utilizada de maneira sensacionalista e exploratória, pode criar um ambiente de medo constante na sociedade.

Os meios de comunicação frequentemente se concentram em histórias de tragédias, violência, desastres e crises e, embora essas histórias sejam importantes e mereçam atenção, a cobertura sensacionalista pode amplificar a sensação de medo, tornando estes eventos aparentemente mais comuns e ameaçadores do que realmente são, o que pode criar uma percepção distorcida da realidade.

A mídia tende a dar destaque a notícias negativas em detrimento das positivas e isso pode levar as pessoas a acreditarem que o mundo está se deteriorando, aumentando a sensação de insegurança e medo. Por muitas vezes ocorre um exagero dos riscos de eventos ou ameaças, explorando o medo das pessoas. Por exemplo, epidemias, surtos de doenças, desastres naturais e ameaças de segurança são frequentemente apresentados de maneira exagerada, fazendo com que as pessoas se sintam mais vulneráveis do que realmente são.

Além disso, a mídia pode reforçar estereótipos negativos sobre grupos étnicos, religiões, minorias e outras comunidades criando medo e preconceito em relação a esses grupos, levando a divisões sociais e a um ambiente de desconfiança.

As sensações de medo causadas pela mídia foram potencializadas com o advento da internet e das redes sociais. As pessoas agora têm acesso constante a notícias, muitas vezes em seus dispositivos móveis, isso significa que estão expostas durante todos os dias a notícias alarmantes, o que pode criar uma sensação de ansiedade constante. A internet também contribuiu para o surgimento de diversos meios que não são controlados ou revisados por fontes seguras e acabam por espalhar informações que, por muitas vezes, são erradas ou construídas para dissuadir certos grupos. São as chamadas *Fake News*, informações falsas que são transmitidas ou publicadas como notícia e possuem como motivação razões políticas ou outros fins fraudulentos.

Além das *Fake News*, hoje em dia também é muito comum o uso de *clickbait*s (conteúdos projetados para atrair cliques) e que, geralmente, possuem um título alarmante e

que prometem revelar ameaças chocantes, mesmo que o conteúdo não seja tão alarmante quanto a manchete sugere.

O medo construído pela mídia pode ter consequências significativas, como a criação de um ambiente de desconfiança, o aumento do estresse e da ansiedade, e a divisão da sociedade. Além disso, pode influenciar a tomada de decisões políticas e a demanda por produtos e serviços relacionados à segurança.

Outro agente de grande influência na sociedade é o governo. O medo construído pelo governo e pela política como forma de controle na sociedade é uma estratégia que tem sido usada ao longo da história e ocorre quando líderes políticos, instituições governamentais e partidos políticos exploram o medo das pessoas para consolidar seu poder, promover políticas específicas ou suprimir a oposição.

Governos frequentemente recorrem à criação de inimigos reais ou imaginários para justificar políticas, leis ou ações militares. Isso pode incluir a demonização de outros países, grupos étnicos, religiões, imigrantes ou movimentos sociais. A ameaça percebida desses "inimigos" é usada para manter a população alerta e preocupada, criando uma sensação de medo e insegurança.

Stephen King cita em *Dança Macabra* (2013) uma dessas situações de medo e insegurança criadas pela política. Enquanto estava assistindo um filme de invasão alienígena no cinema, a sessão foi interrompida pelo gerente do local que, em desespero, anunciava o lançamento do satélite *Sputnik* pela antiga União Soviética. A situação em nada afetava a vida dos jovens que estavam no cinema, ou mesmo de outras pessoas no país (Estados Unidos), mas a propaganda feita pelo governo fazia todos acreditarem que sim e essa construção de medo fez com que o evento ficasse gravado na memória do autor.

Você se lembra onde estava quando os russos lançaram o Sputnik?

O horror - a que Hunter Thompson denomina "medo e repugnância" - frequentemente surge de um sentimento penetrante de desestruturação; de que as coisas estão caindo aos pedaços. Se esse sentimento de desfalecimento é repentino e parece pessoal - se ele o atinge na região do coração -, então ele se aloja na memória, tomando-a por completo. (KING, 2013, p. 24)

Questões de segurança nacional, como o terrorismo, o crime e as ameaças cibernéticas, são frequentemente usadas como justificativa para a expansão dos poderes do governo. O medo de ataques terroristas, por exemplo, pode levar à aceitação de medidas de vigilância intrusivas e à redução de liberdades civis. Em alguns casos, governos autoritários ou antidemocráticos censuram a mídia, controlam a narrativa e limitam o acesso à informação, isso cria um ambiente no qual o medo da punição ou da desinformação pode inibir o livre pensamento e a expressão de opiniões divergentes.

Além disso, assim como a mídia, o governo pode explorar epidemias, desastres naturais e crises econômicas para justificar medidas extremas ou promover uma agenda específica. O medo da crise pode ser usado para ganhar apoio público para ações governamentais que, em circunstâncias normais, seriam contestadas.

O medo construído pelo governo e pela política como forma de controle na sociedade pode ter consequências significativas, incluindo a erosão da confiança nas instituições, a supressão da dissidência, a limitação das liberdades civis e o enfraquecimento das bases democráticas.

O terror se “beneficia” dessas construções produzidas pela mídia e pelo governo. Voltando à experiência vivida por King no cinema quando ocorreu o lançamento do *Sputnik*, após a retomada do filme, com sua mente já tomada pelo temor do que o satélite poderia significar, o autor utilizou o que se seguiu na narrativa da obra para tentar expurgar seus sentimentos de insegurança e incerteza. O governo, com a ajuda de um herói, conseguiu derrotar os invasores alienígenas e salvar os Estados Unidos de serem tomados e governados pelas forças inimigas.

Por um momento - só por um breve momento - o truque do paradoxo funcionou. Nós nos apoderamos do horror e o usamos para destruí-lo, um truque semelhante a se erguer uma pessoa pelos cadarços de seu sapato. Por um instante, o medo mais profundo - a realidade do *Sputnik* russo e tudo que ele significava - foi expirado. Vai tornar a crescer, mas isso fica para depois. Por ora, o pior já passou e nem foi tão ruim assim, no fim das contas. Houve aquele momento mágico de reintegração e segurança no final, a mesma sensação de quando a montanha-russa para no fim da corrida e você e sua namorada se levantam os dois ilesos. (KING, 2013, p. 30)

Em *It: A Coisa* ocorre algo bem semelhante, é possível observar que a criatura utiliza o medo como forma de controle para dissuadir os personagens a terem certos comportamentos. É a partir desse medo e da violência gerada por ele que a Coisa se alimenta.

Quando Adrian Mello foi espancado e jogado da ponte, os jovens alegaram que estavam fazendo uma “defesa” da honra de sua cidade. O medo deles de que a cidade estivesse sendo desrespeitada ou mesmo associada à imagem da vítima, que era gay, foi o que os levou a tomar uma atitude violenta para tentar expulsar o jovem ou até mesmo mostrar que a cidade não estava de acordo com o comportamento de Mello e que por isso iria, de alguma maneira, se desfazer dele.

Da mesma maneira as pessoas que incendiaram o Black Spot (boate criada por negros da cidade) acreditavam estar protegendo a cidade da influência dos negros que estavam conseguindo atrair cada dia mais pessoas para sua boate.

[...] E de repente, as pessoas da cidade começaram a ir pro *nosso* clube. Até mesmo alguns dos soldados brancos da base. [...] E, como falei, éramos jovens e sentíamos orgulho do que tínhamos feito. E subestimamos o quanto as coisas podiam ficar ruins. Todos sabíamos que Mueller e os amigos deviam saber o que estava acontecendo, mas acho que nenhum de nós percebia que a situação estava deixando todos loucos, e quero dizer isso mesmo: *loucos*. [...] Isso era ruim. Saber que os jovens deles também estavam lá, junto dos negros, isso deve ter sido bem pior. (KING, p. 449-450)

Assim como A Coisa, a mídia e o governo também usam o medo para fazer com que as pessoas tenham certos comportamentos que, apesar de seguirem o padrão desejado na maioria das vezes, em algumas situações acabam perdendo o controle e culminando em tragédias como linchamentos ou exclusão de certos grupos da sociedade.

5. CONCLUSÃO

Em suma, podemos observar que a presença do medo na sociedade possui duas faces. Temos um sentimento que é natural, uma resposta automática do organismo humano, mas que pode ser usado em um primeiro momento como forma de “diversão” e liberação de

sentimento ao retratado em obras de diversos tipos, já em um segundo momento, temos o medo usado como artimanha para construir e incitar certos comportamentos.

Seja qual for a origem ou o objetivo final por trás do medo, ele é um dos sentimentos que mais causam fascínio e até certa admiração, podendo ser destrinchado em seus diversos aspectos nas mais variadas obras do mundo contemporâneo.

6. REFERÊNCIAS

- BANDURA, Albert. Social foundations of thought and action: A social cognitive theory. *Behaviour Change*, [s. l.], v. 5, ed. 1, p. 37-38, 1988. DOI <https://doi.org/10.1017/S0813483900008238>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/behaviour-change/article/abs/social-foundations-of-thought-and-action-a-social-cognitive-theory-albert-bandura-englewood-cliffs-new-jersey-prentice-hall-1986-xiii-617-pp-hardback-us3950/B601D38456EF1C78547064C6D8C07C2C>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21(3),219-239. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/2136617>
- KING, Stephen. *IT: A Coisa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 1104 p. ISBN 978-85-60280-94-0.
- KING, Stephen. *Dança Macabra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. 464 p. ISBN 978-85-60280-95-7.
- MOREMAN, Christopher M. *The Spiritualist Movement: Speaking with the Dead in America and around the World: Speaking with the Dead in America and around the World*. California: Praeger, 2013. 864 p. v. 1. ISBN 978-0313399-47-3.
- PRADO, Priscila Finger do; MIRANDA, Luma. A forma do medo: uma análise de *It a Coisa*, de Stephen King. *REVISTA ESTUDOS EM LETRAS*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 81–95, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/estudosletras/article/view/5755>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- Santana, L. W. A., & Senko, E. C. (2016). Perspectivas da era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, (10), 189–215. <https://doi.org/10.24858/209>.
- Smith, A., & Hughes, W. (Eds.). (2012). *The Victorian Gothic: An Edinburgh Companion*. Edinburgh University Press. <http://www.jstor.org/stable/10.3366/j.ctt3fgt3w>.